REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 363

21 DE JANEIRO DE 1889

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

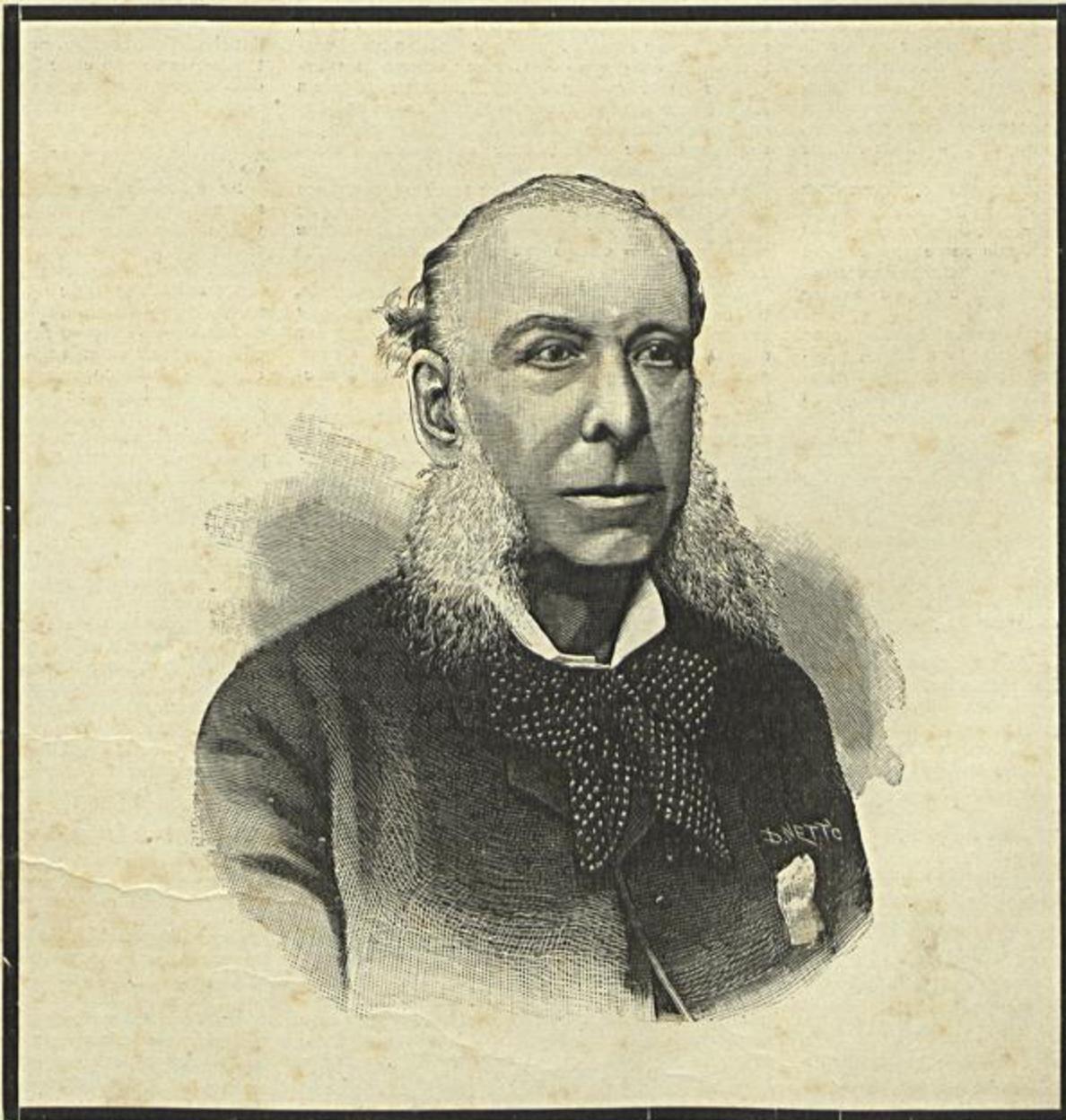
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O publico de S. Carlos fez, na primeira noite da *Lakmé*, um acolhimento frio á opera de Leo Delibes. Apenas uns applausos no fim do *duetto* de amor do 1.º acto, uma ovação a Vanzandt na *lenda da filha do Paria* no 2.º acto, lenda que foi bisada, no fim do 1.º e 3.º acto nem umas palmas sequer, e a opera de Leo Delibes, que em França e que em Hespanha despertou tão grande enthusiasmo, acabou no meio d'um silencio glacial.

O panno cahiu lentamente sobre aquella delicadissima scena da morte de *Lakmé*, e o publico ergueu-se silenciosamente das suas cadeiras, e sahiu da sala, nas pontas dos pés, sem fazer bulha como que não querendo despertar a filha do Brahmanne do seu profundo somno.

Quem chegasse á sala de S. Carlos n'esse momento e soubesse que acabava de se cantar ali uma opera nova, imaginaria decerto que essa opera tinha ido pelo buraco do ponto abaixo, que fizera um d'esses fiascos mansos, o fiasco mais terrivel que ha nos theatros portuguezes onde o publico muito expansivo e muito ruidoso, raras vezes se cala deante d'uma obra nova, — e ou applaude a romper as luvas, ou pateia a quebrar os bancos.

Entretanto não era precisamente esse o caso: a frieza do publico ante a opera de Delibes não significava o seu desagrado por essa obra, significava apenas a sua surpreza.

PAULO MIDOSI — FALLECIDO EM 25 DE DEZEMBRO DE 1888

(Segundo uma photographia da casa «Phoebus»)

E essa surpreza dá-se sempre que diante do publico de S. Carlos se representa uma opera que sae absolutamente dos moldes tradicionaes da musica italiana em que foi creado, educado e porque tem uma sympathia especial.

Em frente da *Carmen*, do *Pescador de Perolas*, da *Mignon*, do *Rei de Lahore*, da *Herodiade* o publico teve essa mesma surpreza.

O publico não vê no primeiro momento se aquillo que lhe dão é bom ou mau, vê apenas que é estranho, que é differente do que está costumado a ouvir e por isso — não dá nenhuma opinião; — cala-se.

Nos outros dias vae ver outra vez, affirma-se, principia a tomar conhecimento com a novidade, e então manifesta-se. Se ella é realmente boa, faz lhe o *successo* ruidoso, enorme que teve a *Carmen*; se percebe que por detraz d'aquellas emaranhadas difficuldades de processos não se esconde muito talento, não volta lá como fez á *Herodiade*.

Francamente não podemos querer muito mal ao publico por esta sua reserva, e comprehendemol-a perfeitamente ante a primeira audição da *Lakmé*, mas o que não percebemos é o seu silencio em frente do desempenho que a opera teve em S. Carlos.

Porque em toda a obra theatral ha duas partes perfeitamente distinctas—a do auctor e a dos interpretres, a da concepção e a da execução.

Que o publico não quizesse manifestar a sua opinião ácerca da obra de Leo Delibes perfeitamente d'accordo, porque comprehendemos muito bem que n'uma primeira audição se não percebesse a ponto de formar um juizo definitivo, mas que estendesse a sua reserva até á execução da opera, é que não podemos comprehender, porque não é preciso ser muito illustrado, ser muito artista, ser muito intelligente, para perceber logo á primeira vista que a Van-Zandt é maravilhosa e positivamente extraordinaria no desempenho da *Lakmé*.

A Patti cantou duas épocas em Lisboa, e fez aqui todos os seus melhores papeis: a Devrés tambem cá esteve e immortalisou na nossa scena as deliciosas figuras de Margarida e de Ophelia, pois apesar d'isso nunca vimos no nosso theatro lyrico nada que se parecesse com a perfeição, com o deslumbramento que é o papel de *Lakmé* desempenhado pela Van-Zandt.

E parece-nos que a este trabalho perfeitamente excepcional, deveria correspônder alguma cousa mais do que as palmas no duetto do 1.º acto, e os bravos, na *lenda* do 2.º; devia corresponder uma ovação tão extraordinaria como extraordinaria era a creação que a formosa artista apresentava ao publico.

E que essa ovação se não tenha feito é que eu lamento, não pela artista que toda a critica parisiense, que todos os mais illustres maestros e artistas da França acclamaram n'este papel, mas pelo publico, que deu prova de não comprehender todas as maravilhas da mais pura arte de comediante e de cantora, que Van-Zandt accumulou da primeira á ultima phrase, do primeiro ao ultimo gesto, da primeira á ultima nota, na creação da *Lakmé*.

Dramaticamente essa creação eguala as mais brilhantes e completas creações que vimos fazer a Sarah Bernhardt; musicalmente o trabalho de Van-Zandt iguala tudo o que de mais perfeito e completo temos ouvido fazer ás *virtuoses* mais celebres.

E depois de vermos e de ouvirmos essa maravilhosa *Lakmé* comprehendemos bem toda a verdade e toda a justiça dos elogios da critica parisiense, que pela penna d'um dos seus mais brilhantes e auctorisados mestres escreveu, á sahida da *première* da opera de Leo Delibes.

«E pouco admirar na Van-Zandt a extensão de uma voz excepcional que dá com facilidade e doçura o *mi* agudo e a segurança d'um mecanismo que não tem rival desde que a Patti e a Nilson nos deixaram: é preciso sobre tudo admirar a intelligencia, a graça, a sensibilidade de que ella fez prova creando esse adoravel typo de *Lakmè* que ficará encarnado n'ella.»

No desempenho da opera de Delibes ha tambem que elogiar muito o tenor Degenne, que cantou e representou excellentemente a parte de Geraldo, e o baixo Borucchia que fez muito distinctamente o papel de velho brahmane.

Uma debutante que se estreiou e que se chama Del Bruno no papel de *Mallika*, tem uma voz que não é feia, mas é muito exaggerada no seu jogo scenico, um exaggero que destoa completamente n'uma opera genuinamente franceza e representada por artistas na escola franceza creados.

Ao passar d'opera comica para grande opera, o poema de *Lakmé*, — que é realmente um bello e interessantissmo poema d'amor, feito por Edmond Gondinet, um mestre dos mais gloriosos, e por Philippe Gille um velho amigo de Delibes, — soffreu muitos cortes e modificações que alteraram em parte o seu effeito scenico. Na opera comica ha tres papeis de mulheres que desappareceram na opera, e dois d'esses papeis tem no *libretto* primitivo certa importancia, o de miss Ellen a noiva de Geraldo, e a de mistress Bentzon uma velha ingleza grotesca, que alegrava com a sua nota comica o 2.º acto.

Escrevemos depois d'uma unica audição da *Lakmé* e não podémos portanto apreciar devidamente todas as bellezas da delicada partitura; só podemos fallar d'aquelles trechos mais inspirados em que o talento se revela mais expontaneamente, e que se impõe logo ao nosso ouvido.

Esses trechos são no 1.º acto da aria do tenor, quando contempla as joias deixadas no bosque por Lakmé, e que elle vae desenhar para a sua noiva: o duetto com Lakmé, que se lhe segue, *C'est le Dieu de la jeunesse*, que é um trecho verdadeiramente *reussi*; no 2.º acto os bailados persas, que são d'uma melodia original e caracteristica: a famosa lenda cantada por Lakmé que é innegavelmente o numero capital da opera; o duo que se lhe segue, do soprano e tenor, um duo ardente d'amor, com que contrasta logo a seguir a bella phrase da *conjura*. No 3.º acto, que na 1.ª audição nos pareceu o mais fraco da opera, ha o *berreuse* de Lakmé, o duo Lakmé e Geraldo, cortado pelo côro dos namorados que se ouve nos bastidores e o trio final que é d'uma suavidade e d'um encanto cheio de vaga poesia.

Temos a certeza de que nas successivas representações a opera de Delibes hade agradar muito mais, e desfazer a frieza com que o publico a acolheu na 1.ª noite, ainda que estamos tambem certos de que a *Lakmé* nunca terá um successo egual ao da *Carmen*, porque não só lhe é musicalmente muito inferior, como tambem de muito menos effeito theatral, e a prova é que á opera de Bizet não tendo nunca um desempenho magnifico entre nós, porque nem a Patti, nem a Novelli, nem a Stahl realisaram jámais o typo da Carmen, teve o extraordinario successo que alcançou, ao passo que a *Lakmé* com um desempenho verdadeiramente excepcional como é o da Van-Zandt, que não pode ser excedido e difficilmente será igualado, ficou muito alem d'esse successo.

O theatro de D. Maria deu tambem uma peça nova, uma peça de grande espectaculo com que contava muito, que nós ainda não vimos, mas que não produzio o effeito que se esperava. *Rogerio Laroque*.

A critica de Lisboa ordinariamente benevola, tratou geralmente muito mal a nova peça, que segundo dizem tem sobre tudo o defeito de ser muito longa e fastidiosa, e de pertencer a um genero muito antigo, cahido em desuso, o velho melodrama.

Com o desempenho d'esa peça, a critica foi tambem severa, salvando apenas João Rosa. Veremos a peça e diremos d'ella franca e sinceramente o que pensamos.

Acabamos de receber uma deliciosa visita, um livro de Julio Cesar Machado intitulado *Mil e uma leituras*. Apenas tivemos tempo de o folhear: é uma vastissima compilação de historias engraçadissimas, de pequenas anedoctas, contadas com aquella verve originalissima, com aquelle bom humor muito litterario e muito especial, de que o eminente escriptor tem entre nós o segredo.

Vamos lêr esse livro com todo o interesse e alegria, com que lemos sempre todos os escriptos de Julio Cesar Machado.

Gervasio Lobato.

PAULO MIDOSI

Quasi ao terminar o anno de 1888, no dia 25 de dezembro, pelas 8 horas da manhã, falleceu em Lisboa, Paulo Midosi, a quem uma horrivel doença, um cancro na face, torturou os ultimos dias da sua existencia.

A triste noticia correu em Lisboa com a velocidade de todas as ruins novas, e foi bem profundo o sentimento que produzio, porque Paulo Midosi era geralmente respeitado e estimado, era uma das individualidades mais populares e mais sympathicas de Lisboa, que o admirava como um jurisconsulto de primeira plana e que o festejava como escriptor dramatico, que lhe proporcionara boas horas de gargalhada com as suas comedias e scenas comicas, interpretadas por Taborda com o talento e veia comica que todos apreciamos.

Esse sentimento foi bem manifesto no grande concurso de amigos e admiradores que lhe formaram o prestito funebre até á sua ultima morada, e nas palavras sentidas com que alguns d'esses amigos lhe disséram o ultimo adeus á beira do tumulo, contando-se n'esse numero o sr. dr. Pinto Coelho, que em breves palavras, fez o elogio do morto.

Desejando acompanhar o retrato, com que o OCCIDENTE presta hoje homenagem a Paulo Midosi, com uma biographia tão complecta como conscienciosa, nada de melhor encontramos que a biographia feita pelo sr. Dr. João Jacintho Tavares de Medeiros, jurisconsulto notavel e primoroso escriptor, a qual faz parte do discurso lido por sua excellencia na conferencia extraordinaria celebrada na Associação dos Advogados, por occasião da inauguração do retrato de Paulo Midosi em 1887.

Extratarmos esta biographia seria o mesmo que desmanchar um *bouquet* de escolhidas flores cujo conjuncto fórma o mais matisado e harmonioso collorido, porisso pedindo venia ao seu auctor, a vamos transcrever archivando assim em nossas paginas a noticia mais completa que conhecemos a respeito de Paulo Midosi :

«Nasceu Paulo Midosi no 1.º dia de dezembro de 1821 no 2.º andar da casa n.º 17 da rua Garrett, então denominada Chiado. Pelo seu appellido, composto de tres notas de musica, já devereis prevêr que elle tivera na Italia o berço dos seus maiores; e, com effeito, seus paes Paulo Midosi, tambem, e D. Marianna Midosi eram filhos, aquelle de um negociante romano, que veiu estabelecer-se em Portugal, e D. Marianna, do commerciante e industrial Leonardo Maria Jacobetti.

Conta, pois, Paulo Midosi quasi 66 annos de edade, que tantos são os que decorrem de 1821 até ao presente.

Lembrar-vos, porém, antes de mais nada, o 1.º de dezembro, e fallar-vos n'esta casa,[1] é trazer-vos á memoria uma coincidencia duplamente agradavel n'esta occasião, porque estas duas circumstancias de tempo e de logar dão tambem a medida exacta de quanto valeu o patriotismo tradicional dos portuguezes, quando em 1640 D. Filippa de Vilhena armava seus filhos cavalleiros, e n'este mesmo logar se conspirava contra o jugo de Castella.

Sabeis todos quanta importancia tem para a nossa historia politica o marco milliario que a divide em duas grandes epochas : álem e áquem de 1820; sabeis quanto era agitada a vida politica de então, que começava a ser pallido reflexo do tufão revolucionario de 1789; e se, de harmonia com as leis mesologicas, o homem é um producto do meio do seu desinvolvimento, já deveis concluir que, quem se embala nas ondas da revolução, recebendo no berço, como alimento de infancia, os germens da lucta, e respirando sómente o ar das tempestades, mal poderá escapar-se aos tantissimos lances do infortunio desde as desgraças da patria até ás miserias do exilio.

E lembrae-vos de que a tormenta que então se iniciava apenas, como apparece a nuvem densa encimando a crista do monte, não se desfez passageira, qual borrasca, deixando atraz aberto o ceu e ostentando myriades de estrellas; porque continuou ameaçadora e impetuosa como a onda em escarcéo que, represada, alastra sobranceira os campos plainos sem escoante proporcionada á força da invasão.

Um bom quartel do seculo, que agonisa, passou-se em alternativas, que compromettiam uns e arriscavam todos no que possuiam de mais caro: familia, patria e liberdade; porque n'estas enormes conjurações não ha indifferenças que resistam ao alarme do ataque ou da defeza, e, assim como nas incendidas e encarniçadas luctas da religião, quem não é por mim contra mim é. É assim que a politica recruta os seus *correligionarios* quando assume as feições vulcanicas de uma guerra social.

Paulo Midosi, pae, professára desde 1820 no constitucionalismo liberal que hasteava em Portugal a sua bandeira, e de 1821 a 1827 evangelisou os seus principios com o ardor enthusiastico das idéas novas, redigindo o *Portuguez* com seu irmão Luiz Midosi, Garrett, Carlos Morato Roma e Antonio Maria Couceiro.

Transferia-se então a regencia do reino das mãos de uma senhora para quem proclamava novamente a realeza absoluta, o que valeu a condemnação immediata da imprensa por abuso de liberdade, e levou ao carcere Paulo Midosi e seus confrades.

Solto, porem, por virtude de recurso que elle

[1] Palacio do Conde d'Almada.

proprio minutou, apesar de não ser advogado, nada tinha que confiar na liberdade, porque onde escasseava a causa inventava-se o pretexto e a vigilancia dos perseguidores mal podia illudir-se com pequenos disfarces. Era necessario fugir e abandonar a patria, procurando ao longe abrigo seguro que, embora lhe sacrificasse a fortuna, como de facto sacrificou, lhe poupasia ainda a vida. Paulo Midosi teve, pois, que demandar Inglaterra, então bonançoso refugio de todos os exilados, embarcando no Cáes do Sodré disfarçado em aguadeiro, porque só as immunidades proprias dos cidadãos de Tuy, podiam salval-o na occasião.

A familia ficava mergulhada na miseria, porque o sequestro nada havia poupado, e dentro em pouco ia associar-se ao chefe saudoso nas duras provações do exilio.

Aos 5 annos sahia assim de Portugal o filho a unir-se ao pai em companhia da mãe, de seu tio Luiz, de sua tia Emilia e de uma ama, uma santa mulher e verdadeira mãe adoptiva, que jamais o abandonou.

Davam anciosos o adeus a Lisboa, confiados sómente no destino incerto, e, talvez, sem esperança de regresso, dirigiram-se a Falmouth seguindo para Londres.

Foi alli que Paulo Midosi iniciou a sua carreira litteraria estudando a instrucção primaria e principalmente a lingua da sua nova patria. Aos 10 annos voltou a Portugal, mais estrangeiro na apparencia do que portuguez no coração, o que em verdade pouco é de admirar.

Lisboa abria as suas portas aos emigrados, e a criança comprazia-se na communhão d'aquelles que o ensinavam a victimar-se pela liberdade.

Devem ser fracas as impressões d'outr'ora gravadas em tenra sensibilidade, porque os prazeres, como as dôres, absorvem-se em outros maiores; mas elle recorda-se bem dos trinta dias de vélla que passou no Atlantico na derrota de Londres a Lisboa, e não menos ainda da bahia de Biscaia, onde viu eminente o naufragio e a vida de pouco dependente.

Está, porem, em Lisboa, onde recomeça o estudo da lingua materna, para seguir mais tarde os preparatorios exigidos para cursos superiores; e, terminados elles, matriculou-se na eschola polytechnica, onde frequentou por algum tempo a mathematica.

Então já conhecia de perto alguns jornalistas, e a imprensa affigurava-se-lhe como unico altar dos seus sacrificios e a tribuna gloriosa a que não devia occultar por mais tempo as suas opiniões.

Tinha-as na conta de auctorisadas, principalmente quando as accentuava com a licção de um passado que o conduzira ao exilio, e que, por isso, lhe devia dar logar distincto na familia liberal, comparando-a talvez com a phalange macedonica. Sabeis quanto valem estes nobres impulsos da infancia, que ainda assim constituem a edade aurea da nossa vida?

Valeram-lhe o detestar immediatamente Euclides e imaginar-se inimigo intransigente de Newton e de Kepler, declarando-lhes guerra cruenta na primeira occasião em que se interromperam os estudos da Polytechnica, em consequencia de desintelligencias politicas que surgiam entre Portugal e a Hespanha. Como apparecem as vocações!

Nenhum ensejo mais favoravel, nenhum momento mais propicio se lhe apresentava para de todo se devotar a Marte; e, rotas as relações com aquelles sabios, que pouco haviam pensado em liberdades patrias, assentou praça no batalhão do commercio de que era commandante Polycarpo José Machado, depois Visconde de Benagazil.

Tambem cedo abandonou esta nova armadura e feição marcial. Poderia ter sido um grande e bravo guerreiro, um perfeito soldado romano, mas não o elegeu a providencia para commettimentos tão valorosos e ousados. Minerva podia ainda dispensar-lhe largamente o seu favor; os loureiros não estavam seccos, antes se assimilhavam a floresta virgem; e as suas bagas deviam de certo ornar mais corôas.

Quando contava apenas 15 annos publicou um jornal a que deu o nome de *Mercurio*. Não era já qualquer cousa. Que imaginação! Mas o Mercurio não era o jornal certamente.

Podeis suppôr facilmente como elle sahiu de casa no dia em que o primeiro numero appareceu ao publico. Cheio de importancia, de nome e de gloria, não cabia em si: era, em summa, o proprietario e redactor do Mercurio, e deveriam todos curvar-se ante elle, quando passasse! Dirige-se ao passeio publico para receber frescas, pessoalmente e em primeira mão as manifestações estrondosas e o reconhecimento solemne do seu talento precoce; mas, parece que voltou para casa altamente indignado contra o desprezo pelas lettras e escriptores e contra uma sociedade perdida de que já não havia nada a esperar. Não lhe tinham comprado um só numero; ninguem tinha lido o jornal; e elle não se lembrava da fabula da rã.

Mas tinha coragem para arrostar com estas adversidades, que elle julgava verdadeiramente calamitosas; por isso insistiu e *venceu*: o jornal ainda veiu á luz publica por mais tres vezes! O triumpho tinha sido esmagador, e elle exclamava: *voe victis.*

Pouco depois, attenuados estes açomos infantis, comprehendia melhor que um homem só e isolado, por maiores esforços que envide para vencer as difficuldades da vida, não póde dominar a torrente oppondo-lhe resistencia vigorosa, e recorreu por isso á associação como unico meio de corrigir e conjurar todos os desmandos e fraquezas individuaes. Robinson submettia-se assim aos sãos principios da philosophia socialista.

Em 1839 e 1840 fez parte da sociedade *Escholastico-Philomatica*, cujo presidente honorario era Garret, e onde estavam como consocios Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Daniel Augusto da Silva, Sebastião Ribeiro de Sá, Rebello da Silva e outros. Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho eram socios protectores.

Agora sim! O ambiente era muito outro; a sociedade era uma verdadeira constellação, e demais discutia-se alli a influencia das cruzadas sobre a civilisação, os duellos e a pena de morte!

Paulo Midosi entrava na discussão d'estas altas questões, escrevia para os jornaes, irmanava com os litteratos e sabios: que mais restava para affirmar potente a sua individualidade? Elle era philosopho e moralista!

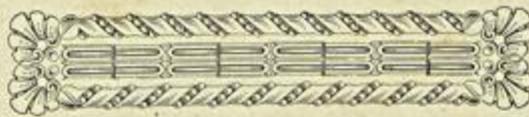
Como elle hoje deve sentir saudades pungentissimas dos seus vinte annos!

E, depois, d'esses que eram seus amigos, que o animavam, enleiando-o em suas aspirações enormes e em seus ideaes sublimes, quanto restam já? Examinae o pó dos tumulos, e vereis que elle vos traduz com uma eloquencia biblica a verdade positivamente triste de que ao pó volvem os que são pó.

É ainda n'este periodo de esperança sem fim que elle se associa a Mendes Leal, Corvo, Bruschy, Dantas e outros na fundação do jornal litterario *Mosaico*; e mais tarde escreve para a *Illustração* de que era redactor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos, o escriptor primoroso.

Cessam aqui os puros devaneios de rapaz. A situação tornava-se para elle mais positiva, pesada e sombria; eram graves e serios os encargos da familia que elle adorava; e os meios indispensaveis para satisfazel-os embora parcamente, só os daria o trabalho productivo e assiduo e a remuneração do que somente encontrava valor no gosto e sabor alheios.

(Continúa)

João Jacintho Tavares de Medeiros.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS PRESIDENTES DA REPUBLICA NOS ESTADOS UNIDOS

As eleições preparatorias para a presidencia da Republica dos Estados Unidos, que se realisaram ultimamente, deram em resultado o ser eleito por uma maioria de 35 votos, para presidente o general Benjamin Harrison e para vice-presidente Lévy Morton antigo diplomata americano.

N'estas eleições combatiam os partidos republicano e proteccionista que defendiam a candidatura de Harrison, e o democrata e livre cambista que pugnavam pela reeleição do actual presidente sr. Cleveland.

Benjamin Harrison nasceu no Estado de Indiana em 1833; por seu pae descende de Thomaz Harrison ajudante de Cromwel e que assignou a sentença de morte do rei Carlos I, o que lhe valeu depois ser decapitado, quando Carlos II subiu ao throno, e por sua mãe descende da princeza Pocakontas da tribu dos *Pelles vermelhas.*

Em 1854 estabeleceu-se em Cincinnati como advogado e foi nomeado relator do supremo tribunal, e em 1856 casou com uma senhora pobre de meios mas rica de talento e d'este enlace teve um filho e uma filha.

Harrison, tornou-se porem, conhecido no seu paiz desde a guerra separatista em que tomou parte muito activa e se distinguiu pelo seu valor, conquistando palmo a palmo, nos campos de batalha, os postos militares até ao de general.

Terminada que foi a guerra, terminaram tambem as suas aventuras militares, e o valente general trocou a sua espada victoriosa pelos autos e sentenças, pois abriu de novo escriptorio de advogado, conquistando grande nomeada no fôro norte-americano.

Em 1876 principiou a cultivar a politica com bom resultado, porque em 1880 era eleito senador, fazendo brilhante figura no parlamento, não tanto pelos seus dotes de orador rhetorico, mas pela sinceridade e alcance das suas doutrinas.

Harrison creou em volta de si um partido que o elevou ao mais alto cargo da republica, em opposição com o grande partido que queria reeleger Cleveland.

Esta victoria não valle menos que as que elle alcançou com a sua espada de general.

Pelo programma apresentado pelo novo presidente, vê-se que, com respeito á sua politica externa, elle é mais favoravel á Inglaterra que o actual presidente sr. Cleveland, cujas relações com aquella nação não podem ser mais frias.

Nos Estados-Unidos tem-se tanto em conta as qualidades moraes do individuo como as qualidades physicas, e por isso nas noticias que encontramos nos jornaes americanos a respeito de Harrison, lêmos juntamente com as notas biographicas as notas do seu physico.

Assim essas noticias dizem-nos que o novo presidente pertence á sociedade de temperança, que não bebe vinho nem outra qualquer bebida espirituosa, mas é tão grande fumador como Grant, tem cinco pés e sete polgadas de altura, hombros largos e pescoço curto, e o seu peso é de noventa e cinco kilogrammas.

O vice-presidente eleito, sr. Levy Morton, nasceu em 1826 e ha muitos annos que seguiu a carreira diplomatica.

Foi embaixador dos Estados-Unidos em Paris, cargo que desempenhou bastantes annos, sendo muito estimado na capital da França.

Actualmente é um dos primeiros banqueiros do seu paiz, tendo uma casa bancaria em New-York e outra em Londres.

Na sua qualidade de vice-presidente da republica, apenas tem que presidir ás sessões do senado, e só no caso de impedimento ou morte do presidente antes de terminados os tres annos de governo, é que pode assumir a presidencia da republica.

O novo presidente deverá ser proclamado no Congresso de Washington, no dia 4 de março proximo, depois da eleição definitiva ou confirmação da ultima eleição preparatoria.

A prosperidade das finanças norte-americanas são de bom auspicio para o novo presidente, pois vae encontrar nos cofres publicos um excedente de receita de 94:414,845 dollars, cifra que em 30 de junho proximo deverá estar elevada a duzentos e vinte e oito milhões de dollars.

Com uma prosperidade d'estas não admira que os Estados-Unidos não tentem aventuras, nem queiram saber do que vae cá pela Europa a não ser para lhe venderem os seus productos.

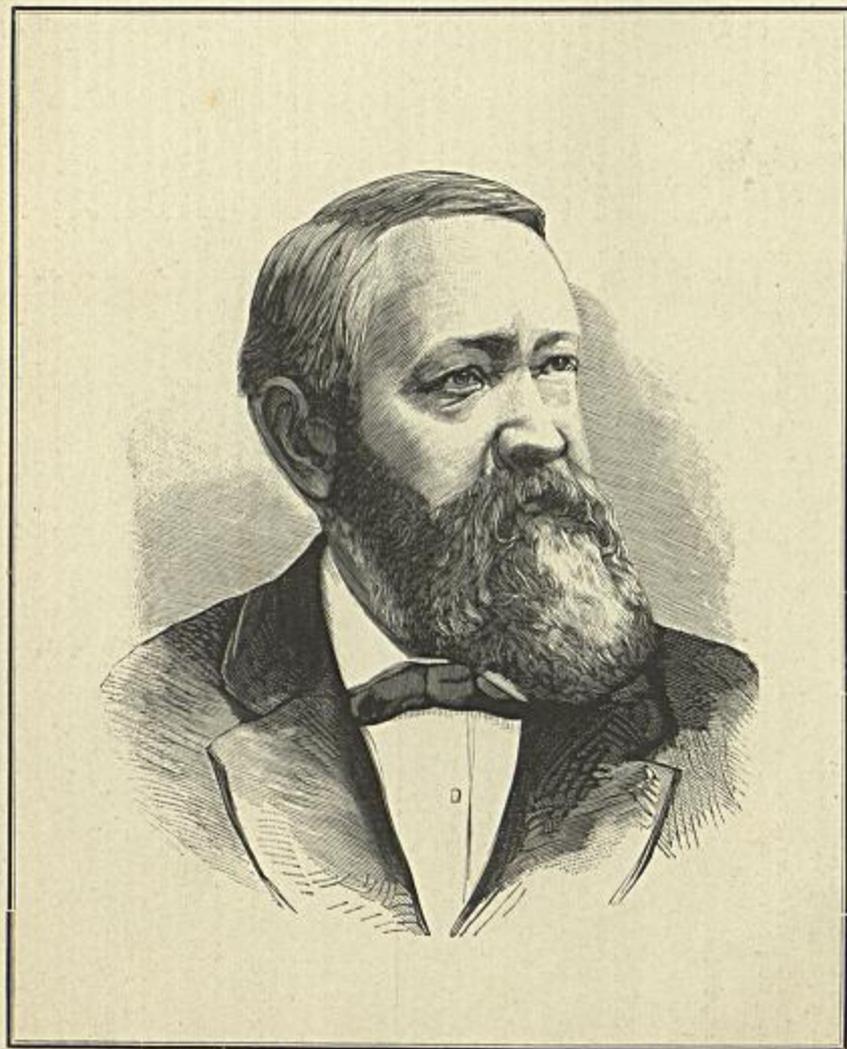
PALACIO DA BOLSA DO PORTO

Orgulha-se com justa razão a cidade do Porto de possuir um palacio de bolsa que rivalisa com os melhores edificios destinados ao mesmo fim, das principaes cidades ou centros de commercio do mundo.

Edificio feito expressamente como o não ha na capital do reino, e que se deve á iniciativa do commercio do Porto, sem que o Estado dispendesse com elle um real e antes lucrasse, como ao diante se verá.

Até á implantação no paiz, do regimen liberal (1834) não tinha o commercio do Porto representação collectiva, e apenas haviam uns cincoenta negociantes matriculados na Real Junta do Commercio, e estes negociantes com outros não matriculados reuniam-se para tratar dos seus interesses, em uma pequena casa, na rua dos Inglezes, onde tambem faziam leilões.

Quando em 1834 foi decretado o Codigo Commercial, formou-se no Porto o Tribunal do Commercio e por convite do juiz presidente e jurados effectuou-se uma reunião de negociantes, na qual se discutiu a necessidade do commercio se associar e formar um corpo collectivo, para garantia dos mutuos interesses da classe commercial.

OS NOVOS PRESIDENTES DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS

BENJAMIN HARRISON

LEVY MURTON

Esta reunião foi, por assim dizer, a base da actual Associação Commercial do Porto.

Fundou-se a associação com cerca de duzentos socios e dirigiu os seus trabalhos de modo que, em poucos annos, adquiriu a mais alta importancia demonstrando bem a sua utilidade.

Ao fim de cinco annos da sua installação, procurou esta sociedade estabelecer-se em edificio proprio, mas como os seus recursos pecuniarios lhes não permittiam tentar essa empreza sem auxilio extraordinario, recorreram a elle pela seguinte forma.

N'uma grande reunião dos negociantes do Porto, associados e extranhos á mesma associação, foi apresentada a proposta do lançamento de um imposto sobre os generos despachados na alfandega d'aquella cidade, o producto do qual seria applicado á construcção d'um edificio destinado á Bolsa e casa da associação.

PALACIO DA BOLSA DO PORTO

(Segundo uma photographia de Biel & C.ª)

Esta proposta foi approvada pela assembléa e submettida ao governo, que a converteu em lei por carta de 18 de junho de 1841.

Ao mesmo tempo cuidou a associação de adquirir as ruinas do convento de S. Francisco, incendiado em 24 de julho de 1832, o que lhe foi concedido pelo governo, por carta de lei de 19 de junho de 1841, com a condicção de que no edificio que a Associação Commercial ia fazer a mesma deveria dar casa para installação do Tribunal do Commercio e suas dependencias.

Começaram as obras em 6 de outubro de 1842, e as primeiras casas que se aprompataram foram para o tribunal se alojar provisoriamente, e em 1845 se installou, tambem provisoriamente, em uma sala a associação.

O projecto da obra era grandioso e demandava maior dispendio do que estava calculado, e isto levou a associação a augmentar o imposto votado, o que foi acceite pelo governo por carta de lei de 16 de junho de 1848.

A despeza feita com este edificio sobe a mais de duzentos contos, devendo incluir-se n'esta cifra as quantias que do referido imposto eram destinadas á Commissão Salva-Vidas, Asylo de Mendicidade e Camara Municipal, conforme determinação do governo que auctorisou o referido imposto.

Essas quantias eram: um conto de réis annual para o Salva-Vidas, dois contos tambem annuaes para o Asylo da Mendicidade e metade da receita para a Camara Municipal.

Por isto se vê que o estado ainda lucrou com a construcção do edificio da Bolsa, porque aproveitou parte do imposto a elle destinado, para fins differentes com que aliviou o thesouro publico de encargos que de contrario o honorariam.

O palacio da Bolsa do Porto é um edificio monumental que encerra bellezas d'arte de incontestavel merecimento, verdadeiros primores em pedra lavrada, em estuques e em obra de talha em madeira.

O edificio occupa uma extensão de 3,167 metros quadrados no mesmo logar onde existiu o já referido convento de S. Francisco; assim a sua frente principal, disposta ao nascente, deita para a rua Ferreira Borges, o lado opposto confina com a cerca do antigo convento assim como a parte sul do edificio com a egreja do mesmo convento, olhando a parte norte para a rua de D. Fernando para onde tem a melhor faço lateral.

A fachada principal é de architectura da ordem dórica e mede 58,68ᵐ de comprimento por 19,14ᵐ de altura desde o patamar da escada que dá accesso ao atrio até ao vertice do frontão que remata o corpo central.

Este corpo central é formado por tres arcos de cantaria em esquadria rusticada, que dão entrada para o atrio. Sobre os membros d'estes arcos erguem-se quatro columnas da ordem dórica que sustentam o frontão, e sobre este eleva-se uma torre formada por um corpo rectangular com quatro cineiras e outro circular, que a remata em cupula, tendo em volta quatro mostradores do relogio.

Para os lados do corpo central seguem-se dois corpos com seis janellas em comprimento, sendo as duas ultimas de cada extremo separadas das restantes por pilastras que formam um outro corpo, como se póde vêr na gravura que publicamos, a qual nos dispensa de mais descripção com respeito a esta frontaria.

A face norte do edificio e que olha para a rua de D. Fernando é mais extensa que a principal pois mede 75,50ᵐ de comprimento. É dividida em tres corpos sendo o centro formado tambem por tres arcos de cantaria sobre os quaes assentam outras tantas janellas com sacada ao nivel do pavimento nobre e outras tres de peitoril no segundo pavimento; os dois corpos que se seguem para os lados d'este corpo central tem oito janellas cada um em cada pavimento como as da frente principal.

A fachada do poente mede 16,35ᵐ de comprimento. Ao nivel do pavimento terreo tem um corpo central composto de tres janellas encimadas por um frontão que remata á altura do pavimento nobre, tendo este ao centro tres janellas de sacada e sobre estas, outras tres de peitoril correspondentes ao ultimo andar; para os lados tem duas janellas de peitoril por banda em cada pavimento.

Na face do sul apenas tem tres portões que dão accesso ao atrio em communicação com o pateo da egreja de S. Francisco.

Ao centro do edificio ha um grande pateo ou area quadrada para onde deitam janellas das salas do palacio. Uma arcada em volta forma uma galeria de abobada, a qual communica com os atrios do edificio, e com os alojamentos do pavimento inferior.

Sobe-se ao pavimento nobre por uma ampla

escada de granito formada por um lanço até meia altura, seguindo depois dois lanços, um para cada lado.

Seria demasiado fastidioso aqui o descrever todas as divisões em que se reparte este vasto edificio, e por mais claro que o tentassemos fazer, difficilmente dariamos uma idéa exacta ao leitor da disposição e ordem d'essas divisões.

O edificio tanto exterior como interiormente é todo costosamente decorado, umas vezes severo no rigorismo das suas linhas, outras vezes alegre e festivo no gracioso dos seus ornatos phantasiosamente dispostos.

Os estuques ostentam toda a opulencia da modelação ora resaltando em altos relevos ora desenhando-se em baixos relevos de primorosa execução.

As pinturas a claro escuro chegam por muitas vezes a illudir o espectador mais perspicaz e os marmores, scariola e cantarias lavradas avultam por toda a parte forrando as paredes das salas e das galerias com elegantes apainelados formados por trabalhosas molduras.

As portas interiores são, na sua maioria, de madeira de mahogno e de carvalho com ornamentação de talha primorosamente cortada. Os salões principaes tem os pavimentos forrados de madeiras embutidas em caprichosos desenhos.

O salão nobre é de caprichosa decoração no estylo arabe, sendo esta uma das partes do edificio que mais se recommenda á curioside do visitante, pela sua deslumbrante riqueza que faz lembrar os primores d'arte da admiravel Alhambra[1].

Esta sumptuosa fabrica foi deliniada em parte pelo fallecido architecto Joaquim da Costa Lima, que fez os projectos das fachadas exteriores e algumas das divisões internas do edificio.

O architecto José Luiz Nogueira dirigio parte da construcção, e o engenheiro Gustavo Adolpho Gonçalves de Sousa, dirigiu o resto da construcção incluindo a escada nobre e o salão d'honra, tomando por fim a direcção da parte decorativa d'esta sala assim como de mais algumas partes do edificio, o fallecido architecto portuense Thomaz Soller que procurou corrigir alguns defeitos, principalmente na referida sala d'honra.

No palacio da Bolsa do Porto ou da Associação Commercial acha-se estabelecida a mesma associação com todas as suas dependencias, o Tribunal do Commercio etc.

Ha pouco tempo realisou-se um grande melhoramento para este edificio, o qual foi a demolição das construcções que o affrontavam pelo lado da rua Ferreira Borges, para onde tem a sua fachada principal, e essas demolições abriram na sua frente uma praça que se ajardinou, formando um bonito *square* que veio fazer realçar a grandeza do edificio.

A FRAGATA D. FERNANDO

É hoje o navio mais antigo da armada portugueza.

Foi construido em Damão, na India Portugueza, em 1843. É todo de madeira de teka e fabricado com tal solidez que ainda hoje resiste valentemente, depois de quarenta e cinco annos de serviço.

A sua arqueação é de 1:406,272 metros cubicos, e monta dezenove boccas de fogo.

Tem sido quasi sempre empregado no serviço de transportes, conduzindo tropas e material, tanto para as possessões portuguezas da India, como da Africa.

Em 1852 conduziu á ilha da Madeira a imperatriz viuva de D. Pedro IV e sua filha D. Amelia, que ali ia procurar alivio ao padecimento pulmonar de que falleceu na mesma ilha.

N'esta viagem foi a fragata *D. Fernando* acompanhada pela corveta *D. João I* e pelo vapor de guerra *D. Luiz*.

Na viagem em que partiu de Lisboa a 18 de março de 1861, para transportar tropas a Moçambique, desarvorou no regresso d'essa viagem, vindo de Moçambique para Mossamedes, no dia 9 de março de 1862. Em consequencia d'este desastre voltou a Moçambique em 25 do mesmo mez, a reboque do vapor de guerra inglez *Orestes*, que lhe pegou um pouco ao norte d'este porto.

Reparou então a avaria soffrida mastreando provisoriamente e assim voltou a Lisboa, fazendo escala por Mossamedes, Benguella e Loanda, dando entrada no Tejo a 12 de maio de 1863, a reboque da corveta *Sá da Bandeira*.

A fragata *D. Fernando* apesar de ser um navio de solida e resistente construcção, não tem grandes qualidades de andamento, e essa falta tornase tanto mais notada em presença dos barcos a vapor que pozeram fóra de combate a navegação á vella.

Estas rasões determinaram o governo a empregar a fragata *D. Fernando* no serviço da Escola Pratica de Artilheria, serviço em que se acha desde 1866.

O actual commandante d'este navio escola é o sr. Rodrigo Augusto Teixeira Pinha, capitão de fragata, o qual desempenha esta commissão desde o referido anno de 1866. O segundo commandante é o capitão-tenente sr. Carlos Augusto Schultz Xavier.

Tem tres primeiros tenentes instructores que são os srs. Antonio d'Almeida Lima, Ernesto Augusto Gomes de Sousa e Antonio Augusto Alves Loureiro.

O medico é o sr. Adolpho de Mello Moraes Sarmento, e o official de fazenda sr. Carlos José da Silva Rego.

Completam o pessoal instructor da escola dois sargentos, um fiel e quatro cabos.

A guarnição d'este navio escola é de 142 praças, mas actualmente só tem 115.

[1] Vidè vol. 4.º do *Occidente* paginas 3, 4 e 5 em que vem publicada uma gravura d'este salão e o respectivo artigo.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 359)

Emquanto eu pensava no que melhor tinha que fazer, ouviu-se novamente a voz de Jupiter:

«Tenho muito medo de ir por este ramo fóra; está secco quasi todo elle.

«Dizes que é um ramo secco, Jupiter? gritou Legrand com uma voz vibrante de commoção.

«Sim, senhor moço, secco como um prego ferrugento; é partir d'esta para a outra vida.

«Em nome do céo, que hei de fazer? exclamou Legrand, com mostras de grande afflicção.

«Que ha de fazer? disse eu, contente de achar occasião para dizer alguma cousa razoavel; voltar para casa e irmo-nos deitar. Vamos! seja condescendente, meu amigo. Faz-se tarde, e lembre-se do que prometteu.

«Jupiter, gritou elle, sem me dar attenção; ouves?

«Ouço, senhor moço; ouço perfeitamente.

«Dá um golpe na madeira com a navalha, e dize-me se a achas muito podre.

«Podre, senhor moço, bastante podre, replicou o preto passados momentos; mas não tão podre como poderia estar. Eu talvez podesse arriscarme a andar por elle, mas eu só.

«Tu só! que queres dizer com isso?

«Fallo do escaravelho. Este escaravelho é muito pesado. Se eu me desfizesse d'elle, pode ser que o ramo aguentasse, sem se quebrar, o peso de um preto.

«Picaro do inferno! gritou Legrand, um pouco mais sereno; que tolices estás tu para ahi a dirrer?! Se deixas cahir o insecto, torço-te o pescoço. Toma bem sentido, Jupiter, ouves-me?

«Sim, senhor, não vale a pena tractar assim um pobre preto.

«Bem, ouve lá. Se fores por esse ramo fóra o mais longe que tu poderes sem largar o escaravelho, dar-te-hei um dollar de prata logo que desças.

«Cá vou, senhor moço, cá vou andando, tornou o preto. Já estou quasi no fim.

«*Quasi no fim!* exclamou Legrand alegremente. Dizes-me o que ha no fim d'esse ramo?

«Já cheguei ao fim, senhor moço; o-o-o-o-oh! Santo Deus; misericordia! que é isto que aqui *está* n'esta arvore?

«Hein! exclamou Legrand no cumulo da alegria; que é?

«É nem mais nem menos que uma caveira! Alguem deixou a cabeça aqui na arvore e os corvos comeram-lhe toda a carne.

«Uma caveira, dizes tu? Muito bem. Como está ella presa ao ramo? que é que a segura?

«Está bem agarrada; preciso ver. É uma cousa curiosa, a falar a verdade; a caveira está pregada na arvore com um prego.

«Excellente! Agora, Jupiter, faze exactamente o que vou dizer-te; ouves?

«Sim, senhor.

«Então attende bem: vê se achas o olho esquerdo da caveira.

«Ora essa! tem graça! ella não tem olho esquerdo.

«Estupido de uma figa! pois tu não sabes distinguir a tua mão direita da tua mão esquerda?

«Sei, senhor moço, sei muito bem; a minha mão esquerda é esta com que cortei a madeira.

«Exactamente! és canhoto; e o teu olho esquerdo está do mesmo lado que a tua mão esquerda. Agora supponho que não terás grande difficuldade em achar o olho esquerdo da caveira, ou o logar onde ella estava. Achaste?

Decorridos alguns minutos perguntou o preto:

«O olho esquerdo da caveira está tambem do mesmo lado da mão esquerda da caveira? A caveira não tinha mãos. Mas isso não quer dizer nada! Já achei o olho esquerdo; cá está o olho esquerdo! Que quer que eu faça agora?

«Enfia por elle o escaravelho e deixa o vir descendo quanto fôr possivel, mas não largues a ponta do cordel.

«Prompto, senhor moço: não custa nada metter o escaravelho pelo buraco; não o vê descer?

Durante este dialogo não se avistava o preto; mas o escaravelho que elle ia deixando cahir, apparecia na ponta do barbante e brilhava como uma bola de ouro burnido aos ultimos raios do sol poente, dos quaes alguns illuminavam ainda fracamente a eminencia em que nos achavamos. O *escaravelho* achava-se já abaixo dos ramos, e se Jupiter o largasse, cahiria aos nossos pés. Legrand pegou immediatamente na fouce e desemmaranhou um espaço circular de tres ou quatro jardas de diametro, justamente debaixo do insecto, e concluido este trabalho, ordenou a Jupiter que largasse o cordel e descesse da arvore.

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

A discussão n'esta altura foi interrompida pela chegada da menina Barradas que depois de procurar o mano na escada e na Praça da Alegria, e não o ter encontrado subiu outra vez ao 3.º andar do sr. Leitão vasculhando todos os cantos, farejando todos os nichos a ver se em algum d'elles desencantava o perdido Quim.

Não o desencantou e então volveu á sala em busca de quem a acompanhasse ás Olarias.

A sua entrada fez pôr ponto immediato na conversação, tanto mais que era evidente, que a presença da irmã de Quim não era a mais propria para em frente d'ella se debater quem havia de dar cabo do mencionado Quim.

Ella, a menina Barradas, que não sabia de que se tratava, mas que apesar da sua habilidade habitual não sabia muito como encetar conversação n'aquellas alturas, atacou logo de frente a questão da companhia e perguntou sorrindo:

— Digam-me uma coisa, qual dos senhores quer ter a massada de me acompanhar á rua das Olarias?

Os homens olharam-se aterrados com a perspectiva d'essa estopada e conservaram-se no mais discreto dos silencios.

— O meu rico mano foi-se embora, continuou ella explicando o motivo do seu pedido.

— Ah! foi? O rico mano foi-se embora? resmungou o Leitão.

— Foi, sem dizer mano vae, confirmou ella rindo, e acho-me sosinha e abandonada na Praça da Alegria ás 2 horas da madrugada.

— Duas horas! exclamou angustiado o Leitão.

— O que! Duas horas já? perguntou o Pereira.

— Então o que lhe parece? tornou a menina Barradas, em boa companhia o tempo passa a correr.

— Lá isso é verdade! approvou o Pereira com uma grande ironia, que fez córar a irmã do Quim.

E voltando-se para sua mulher o sr Pereira, disse:

— Vamos embora menina, que já são horas.

— Lá isso são, confessou o Leitão esquecendo-se de que era dono da casa, já são horas e que horas!

— E nós vamos tambem? perguntou a Alicesinha á sua mãe.

— Não, não vamos, respondeu desabrida a D. Rita.

O Leitão empallideceu, e esteve quasi a perder os sentidos.

— Não vamos, continuou a D. Rita, ficamos cá para mechas.

E todos em tropel atiraram-se para o monte de agasalhos, que estava no chão, á porta da sala.

O Leitão lembrando-se então que era dono da casa e que esse titulo que impunha serios deveres de amabilidade a cumprir, deitou a mão a uma capa parda e perguntou:

— De quem é a capa parda?

— É da minha patroa, respondeu o Pereira, procurando o seu *par dessus*.

— É minha! disse a D. Ephygenia aproximando-se do Leitão e estendendo os braços para traz para enfiar nas mangas do casaco, em que amavelmente o Leitão segurava.

Mas a mão esquerda da D. Ephygenia encontrou um embaraço serio na sua marcha.

— Não póde entrar, disse ella fazendo muitos esforços para enfiar a manga.

— Hade poder, insistiu o Leitão.

— Ai! gritou a D. Ephygenia retirando logo a mão.

— O que foi?

— Feri a mão.

— Feriu?

Effectivamente a mão de D. Ephygenia estava toda ensanguentada.

— Sangue! disse espantado o Leitão.

— Sangue e vidro! accrescentou mais espantada ainda que dolorida a D. Ephygenia examinando a sua mão.

— Vidro! exclamou muito admirado o Leitão.

Mas com o movimento que elle fez acompanhando esta exclamação, cahiu de dentro do casaco que a D. Ephygenia não podera vestir um objecto que se fez em estilhaços na esteira.

Era o vidro do candieiro da cosinha!

Ao mesmo tempo o Pereira furioso achava a algibeira do seu paletot cheia de petroleo e a D. Rita perfeitamente assombrada encontrava no capuz da sua capa o candieiro de vidro que a cosinheira trouxera para accudir á escuridão da sala.

E então todos se lembraram do que se tinha passado e porque era que todos os agasalhos estavam enfrascados em petroleo.

Tinha sido com esses agasalhos que a Anna atabafára o fogo produzido pelo petroleo derramado ao cahir o candieiro, empurrado pelo Quim na sua fuga vertiginosa.

— Era o que faltava! exclamaram todos os convivas fullos. Ainda por cima o nosso fato estragado.

— E a esteira, lamentava egoistamente o sr. Leitão, olhando para a grande nodoa que o petroleo fizera na sua sala.

— Não me apanham tão cedo n'outra, dizia a D. Rita, a cara cheia de bofetadas e a capa cheia de petroleo.

— É o que se tira em vir a certos soirés! philosophava muito azeda a menina Alice.

— O Anna, allumia a estes senhores! mandou a dona da casa cheia de prudencia querendo evitar o deitar-se a perder com a má creação da D. Rita e da filha.

— E quem me accompanha? perguntava sem resposta, a irmã do Quim.

O sr. Leitão não dava já attenção a cousa alguma, todo entregue em aconselhar á Anna:

— Antes de te deitares has-de trazer greda, para pôres aqui na esteira.

— O petroleo não sai, respondeu-lhe a cosinheira muito sceptica nas virtudes da greda.

— Não sai! exclamou muito desanimado o Leitão.

E não se dando por convencido consultou a D. Ephygenia.

— O sr.ª D. Ephygenia, o petroleo não sae com greda?

— Não sei sr. Leitão, não sei se o petroleo sae com greda, o que sei é que eu saio com petroleo.

— Mas qual é o cavalheiro que quer ter o incommodo de me acompanhar? perguntou a menina Barradas, vendo que ninguem se decidia a offerecer-se.

— Incommodo, minha senhora, ora essa! protestou muito delicado o Dominguinhos um pouco envergonhado do persistente silencio que já por tres ou quatro vezes tinha respondido ao pedido da irmã do Quim.

— Ah! o senhor quer ter esse trabalho! é muito amavel! disse ella enganando-se na interpretação que dava ao protesto do filho do Pereira.

Elle porém tirou-a logo d'esse engano, atalhando, delicado sim, mas inquebrantavel.

— Eu protesto com as minhas palavras contra o qualificativo — incommodo — porque não posso ter a honra de protestar contra elle com as minhas penas, acompanhando-a.

A menina Barradas olhou-o surprehendida.

O Dominguinhos sustentou esse olhar com firmeza e continuou inabalavel:

— Com muito pesar meu não posso ter a honra de a acompanhar.

— Ah! exclamou ella desapontada.

— Elle não pode explicou o Pereira vindo em auxilio do filho, tem muito que estudar.

— Ah! mas eu pensava que como são agora férias não tinha lições que estudar?

— Mas tenho lições a dar, mesmo sendo férias, tornou com um tom sybillino o Dominguinhos.

— Então o sr. Pereira faz favor acompanhame...

— O minha senhora, balbuciou o Pereira muito encavacado; eu com todo o gosto ia, mas minha mulher não gosta que eu ande por fora de casa a estas horas.

— E sobre tudo no seu sitio que é tão só, accudiu logo a D. Ephygenia: então elle que é tão medroso.

O Pereira vexado com as razões que a mulher adduzia ia a protestar em nome da sua coragem até mesmo nas Olarias fóra de horas, mas a irmã do Quim muito despeitada não lhe deu tempo a protestos e voltou-se para o sr. Leitão.

— O senhor é que é o unico homem amavel.

— Oh! minha senhora, muito obrigado, agradeceu inconscientemente o Leitão que todo entregue à greda não sabia do que se tratava.

— Eu tenho muita pena de o incommodar.

— Ora essa! nunca me incommoda, pelo contrario, da-me sempre muito gosto.

— Vem assim mesmo?

— Vou? para onde? perguntou o Leitão muito espantado.

— Para a rua! Olhe que é melhor pôr um casaco pelos bombros, a noite está fresquinha.

— Mas o que vou eu fazer para a rua?

— Acompanhar-me a casa; o meu mano desappareceu...

— A sua casa? Agora? A estas horas da noite? perguntou elle abrindo muito os olhos.

— É um grande incommodo bem sei... mas queira desculpar.

— Essa é boa, desculpo, desculpo, mas não vou.

— Mas então como heide eu ir para casa?

— Olha menina, interrompeu a Alicesinha, que, morta por dar uma bofetada moral na familia Leitão e na familia Pereira tinha estado a conferenciar com sua mãe, olha menina faz uma coisa: nós vamos sós com os pequenos, e como somos muitos não temos medo.

— Nem mesmo que fossemos poucas, accrescentou muito espevitada a D. Rita: eu graças a Deus nunca tive medo do papão.

— Nem eu, minha senhora, respondeu o Leitão muito digno, eu não tenho medo do papão, o que tenho é uma saude muito fraca, e um somno muito forte...

— Mas então hão de me ir acompanhar a casa? Olhem que trocem muito caminho, moramos em sitios perfeitamente oppostos.

— Credo! disse logo a D. Rita, acompanhal-a a casa não, quem fallou n'isso?

— Mas então... perguntou a menina Barradas, sem advinhar a solucção que lhe offereciam.

(Continúa)

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Permittam os nossos leitores que deixemos por alguns momentos o tom humoristico que pertendemos dar a esta revista, para vertermos uma lagrima sobre as instituições politicas da patria, tão decadentes e desfiguradas as vemos, sendo já difficil reconhecel-as.

Pobres instituições!

Ellas já não teem a força moral de uma lei sabia e justa; ellas já não se impõem pelo prestigio deslumbrante da auctoridade sanccionada pelo povo, e são apenas uma formula para serviço burocratico, de que ninguem faz caso, porque cada qual trata de arranjar leis a seu sabor, consoante os seus interesses individuaes, sem consideração pelos interesses collectivos da sociedade.

O parlamento já não abre as suas portas para satisfazer a uma necessidade do governo, abre-as para satisfazer a uma formula da carta. A representação nacional já não é, mais ou menos, a expressão da vontade do povo, mas unicamente a expressão da vontade dos governos. Os partidos já não combatem pela força das suas convicções, mas pactuam em accordos transigentes que lhes quebram a força e lhes tiram a auctoridade; e d'este meio assim, não podendo surgirem Catões, apenas surgem directores de secretarias e administradores de concelho, ambição cómezinha que precede as aspirações ao poder.

O resultado pratico d'este estado dissolvente vem revelar-se nos comicios publicos, em que cada classe da sociedade discute as medidas do governo que lhe dizem respeito, já que os seus representantes no parlamento não se occupam d'essas bagatellas.

D'isto resulta o Estado no Estado, e para provar esta affirmativa ahi temos a questão da sellagem dos tecidos, que tem sido o assumpto dominante dos ultimos dias, pondo o governo na alternativa de, ou deitar os sellos ao mar, como coisa vergonhosa e vexatoria, ou levar com as portas na cara de quantos estabelecimentos de cobertores e de lenços de assoar ha na cidade invicta.

Isto prova simplesmente que é muito mais facil ao commercio do Porto fechar as suas portas e deixar a população sem piugas e sem calças, do que applicar os taes sellos no briche nacional e na seda do sr. Ramires.

Esta difficuldade só é comparavel ao problema da quadratura do circulo, e segundo a oppinião dos negociantes do Porto, é muito mais facil e economico fiscalizar a fronteira do que pôr sellos nas fazendas.

Sim, vamos todos para a fronteira á espreita dos contrabandistas, e então talvez todos nós percebamos a razão porque os sellos são vexatorios e importunos.

Mas *honi soit qui mal y pense* e lá está o sr. Arouca para nos dar a grata noticia que o contrabando no nosso paiz é tão raro como as beldruegas do sr. Corvo creadas em estufa, pelo menos em Campo Maior onde é coisa desconhecida.

A attitude do commercio do Porto fez tal bulha que abafou á nascença os primeiros vagidos do commercio de Lisboa, e assim foi bom porque se o commercio de Lisboa tambem embirra em fechar as portas, cá ficavam os lisboetas tambem sem piugas e as fabricas ás moscas sem terem quem lá lhes fosse comprar nem um fio.

Nós quizeramos pôr ponto n'esta questão, mas até ao momento em que escrevemos estas linhas, não se sabe se as portas sempre se fecharão ou se temos que ir para a fronteira, em cumprimento das ordens do commercio do Porto.

E depois d'esta questão magna, que tem entretido as sessões do parlamento e o telegraqho do Porto para Lisboa e de cá para lá, só temos o discurso da corôa que principia a entreter a rhetorica parlamentar e os raros espectadores das galerias de S. Bento.

Os celebres titulos Hersent tornam a vir a lume depois de uma prolongada soneca, e d'esta vez foi a Relação de Lisboa que os acordou, mandando pronunciar o empreiteiro Hersent e o sr. Mendonça Cortez.

Entretanto parece-nos que isto será apenas um bocejo de quem ainda não fez o somno todo, e tornarão a dormir, que é o mesmo que nós vamos fazer á hora em que escrevemos a ultima letra d'esta revista.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Balão dirigivel. A direcção dos balões continua a preoccupar muitos espiritos por esse mundo. Agora chega-nos a noticia de um novo aerostato dirigivel, inventado na America, em Coney Island, por um joalheiro, M. Peter Campbell. Este aerostato é de forma alongada como o de Tisandier, e na barquinha tem um motor electrico. Fez-se a experiencia d'este balão no dia 8 de dezembro, indo na barquinha o aeronauta James Allen, o qual o fez manobrar perfeitamente, subindo á altura de 500 pés e indo descer nas praias de Sheepohead Bay, conforme tinha annunciado.

O Explorador Joseph Martin. Este notavel viajante francez, que ainda ha pouco realisou uma viagem de exploração na Siberia Oriental, vae fazer uma nova viagem scientifica atravez da China central, no Thibet oriental, Mongolia e Annam, a qual durará nada menos de tres annos.

A DENTIÇÃO DAS CREANÇAS. O *Hall's journal o Health* aconselha o uso do gelo applicado ás creanças para as ajudar no trabalho, muitas vezes doloroso, da dentição. A applicação do gelo deve ser feita quando se manifesta a crise da dentição, dando á creança pequenos pedacinhos de gelo do tamanho de uma cabeça de alfinete, e que se lhe introduzem na bocca, fazendo-a tomar primeiro alguns gollos de agua morna. As creanças recebem bem esta applicação porque lhes suavisa o calor produzido pela febre, conseguindo repousarem consoladamente, e facilitando-lhes extraordinariamente o trabalho da dentição.

A COUVE FLOR. Tem-se vendido em Paris couves flores a 1$800 réis cada uma. Portugal é o paiz onde melhor se cria esta planta e onde ella apparece mais cedo, e isto daria logar a uma boa especulação, exportando para Paris esta hortaliça tão apreciavel.

COMPRA DE UMA EMPREZA JORNALISTA. Consta que um grupo de capitalistas offereceram 500:000$000 réis pela propriedade do *Diario de Noticias*, offerta que foi recusada pelos seus proprietarios.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista das Sciencias Militares, *fundada por Antonio Alfredo Barjona de Freitas, capitão do corpo de estado maior e José Manoel Rodrigues, 1.º tenente de actilharia, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, director J. Renato Baptista, Lisboa. N.º 38 do vol. VII com os seguintes artigos: O tiro indirecto nas guerras de campanha e de posições, e principalmente nos combates em torno dos entrincheiramentos de campanha, pelo major Leydhecker, dá artilharia allemã, traducção de José Nunes Gonçalves, 1.º tenente de artilharia; Theoria analytica da retrogradação dos projecteis, por José Manoel Rodrigues, 1.º tenente de artilharia; Notas sobre algumas manobras do exercito portuguez no seculo passado e no actual, collegidas pelo general Barão de Wiederhold.—I Manobra executada no Terreiro do Paco em 1736.—II Monobra effectuada na cidade do Porto em 1757. Noticias bibliographicas, etc.

Catalogo Illustrado, *8.ª exposição d'arte moderna*, publicado por Alberto de Oliveira. Este catalogo tem desenhos de Queiroz, Greno, Malhôa, Silva Porto, Salgado, Condeixa e Bastos, reproducção de quadros dos mesmos auctores.

O Elegante, *jornal de modas para homens dedicado particularmente aos alfayates, etc.* David Corazzi, editor, Lisboa. Com o n.º 67 entrou no 6.º anno de publicação, este bello jornal de modas, unico que se publica entre nós com destino ao sexo forte. As nossas felicitações.

O Alcobacense, *boletim annunciador de impressos da typographia Alcobacence*. Publicação primorosa que sae annualmente da typographia do sr. A. Coelho da Silva, estabelecida em Alcobaça e das que mais honram a arte de Guttenberg, pela perfeição das suas obras.

Catalogo dos Impressos da Casa Minerva, Coimbra. Proprietario José Monteiro Pinto Ramos, 4.ª edição, 1889, Coimbra. Folheto de 56 pag. in-4.º, adornado com o retrato do sr. José Monteiro Pinto Ramos. É um trabalho typographico muito perfeito. A *Casa Minerva* apresenta um catalogo de cerca de 3000 impressos, para fornecimento de repartições do estado, camaras e mais dependencias.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A FRAGATA D. FERNANDO

(Desenho do artista amador sr. José Pardal)

ESCHOLA INDUSTRIAL DE GUIMARÃES. O governo contractou na Belgica um mestre de fiação e tecelegem que tem grande pratica, para as officinas da Escola Industrial de Guimarães.

INDEMNISAÇÃO JUSTA. Resolveu, emfim, o governo indemnisar os expositores que concorreram á exposição do Rio de Janeiro de 1879, promovida pela *Companhia Fumentadora da Industria e Agricultura de Portugal*, e que não tinham ainda recebido o producto das vendas que se realisaram n'aquella exposição, nem tinham sido entregues dos objectos que enviaram á mesma. Para este fim foi publicada uma carta de lei auctorisando o governo a dispender até á quantia de 18:431$407 réis para indemnisar os donos dos objectos vendidos e 1:503$407 para satisfazer as despezas necessarias para que possam ser restituidos os objectos que se não venderam.

Os expositores assim indemnisados cedem ao governo todos os direitos que tinham contra a referida companhia. Levou tempo mas sempre se fez justiça!

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43—RUA NOVA DO LOUREIRO—25 A 43